

ISAIAS ALVES

Missão Nacional e Humana da
FACULDADE DE FILOSOFIA

Discurso de Inauguração da
Faculdade de Filosofia da Bahia
em 15 de Março de 1943



PUBLICAÇÃO N.º 1

1943

ISAIAS ALVES

Missão Nacional e Humana da
FACULDADE DE FILOSOFIA

Discurso de Inauguração da
Faculdade de Filosofia da Bahia
em 15 de Março de 1943

*À presença de
Dr. Fabiano Sá Pereira*



*Isaias Alves
2.8.943.*

PUBLICAÇÃO N.º 1

1943

LET

| | |
|-------------------------------|---------------|
| UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA | |
| TOMBAMENTO PATRIMONIAL | |
| Nº 723528 | Data 19/12/03 |

Surge, entre esperanças e receios, a Faculdade de Filosofia da Bahia, cujos destinos vão ligados às futuras transformações sociais do país e do mundo, nesta hora apocalíptica, em que o despertar das consciências, o encandecer das ambições e o amadurar das idéias fermentadas, entre dores, na alma das massas, estabelecem as premissas de um termo avançado de progressão geométrica, de valor social e humano imprevisível, em próximo e decisivo momento da história.

Arduos deveres recaem sobre os mestres que defrontam agora a primeira turma de alunos, por seu turno primeira linha de bandeirantes, a levarem ao futuro a dubiedade ou a segurança de idéias da geração adulta da Bahia de hoje.

Obra de idealismo e de desprendimento, conjugação de esforços e de patriotismo, a Faculdade é a resultante de forças que vêm trabalhando o organismo nacional, em mais de um século de aspirações, a que ficaram surdos os governos do passado, jungidos ao interesse imediato da formação profissional das carreiras chamadas liberais, dominante na política educacional do Brasil, durante o Império e na República de 1889.

F
378.4
A474

Só o governo revolucionário deste decênio conseguiu lançar o problema em plano tranquilo, organizar os novos objetivos culturais e convocar a mocidade para exercício mais próprio e eficiente de seus talentos e satisfação mais conveniente e feliz de seus penhores.

Fundando faculdades desta natureza, a nova política nacional habilitou o Brasil a subir ao plano dos países onde floresce o regimen universitário, dentro no qual, e na plenitude do desenvolvimento, a cultura aviventa a função de governo das massas populares, consegue selecionar os pensadores, administradores, políticos e diplomatas, formados na escola da eficiência. É o que acontece, preponderantemente, nos povos anglo-saxônicos, dia a dia libertados do profissionalismo político e do tradicionalismo empírico, por terem aprendido a orientar a liberdade pela observância dos princípios codificados pela cultura — religiosos, morais, econômicos ou sociais. E assim obtêm a subordinação voluntária e conciente do individuo ao interesse da coletividade, como ambiente de arte, de literatura, de indústria, de vida moral, garantem a eficiência do direito baseado na compenetração do dever, e firmam a compreensão da tarefa especial de cada povo, na marcha ascensional da humanidade.

Realizando essa função moral, social e política, as universidades, cujo sentido profundo lançou raízes e tomou forma nas faculdades nascidas dos clássicos colégios de artes liberais, transmite à juventude, que inicia a sua preparação para a obra do futuro, vivos influxos dos estudos fundamentais à economia, — ciências da produção ou ciências de defesa do organismo, — ou esclarecedores dos conflitos da alma individual ou coletiva, dia a dia mais graves, no tumultuário desdobramento de funções convergentes ou contraditórias do nosso tempo, supliciado pela dúvida, pelo orgulho, pela desenfreiada ambição de conforto material.

Eis porque extraordinários são os deveres da nova congregação de mestres desinteressados e idealistas, que benevolamente compreenderam o apêlo da Liga de Educação Cívica, fundadora de nossa Faculdade, apoiada pelo desprendimento de um grupo de nobres cidadãos, da mais alta representação industrial e comercial, que integram a Junta Mantenedora, secundados pela ação decisiva do governo do Estado e dos Municípios e generosamente correspondida por milhares de brasileiros, que nos enviaram oportunos auxílios materiais, acima das mais optimistas perspectivas da hora inicial da criação.

Tão grandes obrigações sobreexcedem, de certo, a capacidade financeira e cultural do instituto, mas os percalços de sua execução não nos devem paralizar ou sequer demorar os movimentos, no sentido de satisfazer a curiosidade e ambição dos jovens. Sua confiança anulou a descrença dos que duvidavam da vida e futura pujança da árvore que nasce para abrigar, à sombra de seus galhos frondejantes, os espíritos cansados de cepticismo e ansiosos de luz, aguilhoados pela inquietação da hora presente e desejosos de um mundo melhor, de mais beleza, de mais justiça, de mais lídima consciência do dever, de mais harmonia, de mais humanidade.

Para cumprimento de nossa missão, ao surgirmos congregados em frente à mocidade, no plano patriótico de preparar professores para o ensino secundário e cooperar no desenvolvimento da cultura, examinaremos, de três aspectos fundamentais, as atividades a que se destina a Faculdade de Filosofia da Bahia.

Em primeiro lugar, temos deveres para com a nossa terra e nossa gente, que precisa acompanhar o passo do progresso, na vasta e generosa gleba onde germinou a civilização brasileira.

Em segundo plano, em mais largo horizonte, teremos de preencher requisitos que interessam à grande Pátria una e indivisível.

que se estende do sopé dos Andes e dos alcantís do Tumuc-Humac até as fronteiras sulinas, onde se traçaram as epopéias militares de nossa história.

Em perspectiva mais longinqua, não menos sedutora, cumpriremos nossa missão no continente, onde vem reflorir a civilização tantalizada de uma Europa dolorida e exausta, sob o péso da estrutura construída pelo ódio, pelo medo, pela violência das ambições.

NOSSO IDEAL NA BAHIA

Na primeira tarefa das nossas obrigações, deveremos examinar, mestres e alunos, em fraternal e proveitoso convívio, vários aspectos de uma diátese social, que se acentua há mais de setenta anos.

Encararemos o isolamento dos homens de estudo de nossa terra, investigando as causas da nossa pobreza bibliográfica, da penúria de nossas publicações científicas, quer em revistas quer em livros, e da ausência de cooperação entre nós mesmos, ou de comércio intelectual com outros meios científicos ou literários do país e do estrangeiro.

Aí veremos que a obra de reconstrução depende intimamente da procura e consolidação de recursos econômicos e financeiros, condição fundamental à aquisição de bibliotecas atualizadas e manutenção de hemerotecas especializadas, indispensáveis ao ajustamento constante e ininterrupto do saber, dia a dia, momento a momento, modificado, subvertido, avelhantado pela produção científica dos laboratórios, pelas conclusões dos sábios, pelas investigações dos eruditos.

É um largo caminho a percorrer, em busca da verdade, que se não descobre hoje em uma ciência, mas em todas as ciências;

em uma cátedra, mas em várias cátedras, em diligente cooperação; por uma inteligência, peregrina que fosse, da amplitude e flexibilidade da de Aristóteles, mas por grupos de inteligências esclarecidas e humildes, capazes de confessar as próprias deficiências e de se ajudarem das luzes dos comungantes do ideal.

Assim cumpre-nos fugir ao primeiro dos nossos pontos fracos, no combate pela cultura popular, concorrer para diminuir o isolamento dos nossos homens, dentro de nosso ambiente, e encurtar as distâncias que nos separam de centros mais adiantados na conquista do saber organizado e de maior energia dinâmica, no transformar as forças da natureza em molas do progresso social.

Nesse trabalho, descaroavel e longa é nossa missão : reeducar-nos para auxiliar e incentivar os jovens a reeducarem, no lar, nas escolas, nos clubes, os de nossa geração; refazer as estruturas mentais dos múltiplos problemas ainda influenciados pela tradição intelectualista e verbalista, sem nos preocuparmos com as soluções imediatas, ou com a satisfação completa dos objetivos colimados, sempre transferidos, no débito e crédito da conta-corrente da cultura, a porvindoiros mais esclarecidos e aparelhados.

Assim, obedeceremos ao ritmo dos grandes ciclos históricos do desenvolvimento do saber humano e nos disporemos a compreender e assimilar, com utilidade e eficiência moral, social e econômica, as conquistas da inteligência dos centros mais ricos em investigação e elaboração científica.

Relegaremos o orgulho do autodidatismo e a certeza e auto-suficiência do dogmatismo, duas formas simbióticas de resistência à verdadeira cultura, criadoras de processos semelhantes à esporulação do saber estático, que se não transforma à influência dos agentes exteriores. Cultivaremos, em obediência ao compasso da música universal da ciência dinâmica e construtora, uma atitude

de receptividade e vibração, na qual a inteligência jovem de nossos alunos encontrará estímulos e prudentes conselhos, características fundamentais do espírito universitário, que deveremos fomentar, em colaboração com as faculdades irmãs, mais antigas na lição do labor cultural.

Para vingar tão altos destinos, teremos de seguir dois rumos que se cruzam, em vias que se entrelaçam repetidas vezes: pesquisa das ciências da matéria e das disciplinas da alma, e apuração e afinamento dos aparelhos de expressão verbal, que constituem uma das bases espirituais da existência de povo livre, e exprimem a técnica, o sentimento, a arte, as aspirações dos povos civilizados de hoje, e dos que, no perpassar dos séculos, deixaram, como pegadas, a vasta cultura clássica, em que se espelha a humanidade do presente.

CIÊNCIAS MATEMÁTICAS, FÍSICO-QUÍMICAS E NATURAIS

Sem esquecer o incentivo necessário à criação do espírito filosófico, meta final da Faculdade, e sem desabonar as linguas e literaturas clássicas e modernas, ao contrário, dando-lhes todo o carinho de mestres que aperfeiçoarão a forma do pensamento, e apurarão a arte da expressão da alma, deveremos desde logo armarmos em campeões da formação científica.

Faremos de nossa faculdade ativo laboratório do conhecimento puro e do aplicado, de que depende o progresso, nesta era mecanizada, submissa aos mais recônditos segredos da perfeição industrial.

Seguiremos a análise dos métodos e o apuro das técnicas mais engenhosas que organizam e acumulam fortunas, e possibilitam a

construção das esquadras, o apetrechamento dos exércitos. Ensinaremos a sentir como a vitória na luta armada, em terra, no mar e no ar, depende, por vezes, de uma oportuna invenção da óptica, de providencial descoberta de um novo corpo da química, de ocasional aperfeiçoamento nos planos da aerodinâmica.

Aí se descreve toda a órbita das ciências matemáticas, físico-químicas e naturais, cuja finalidade é subordinar o mundo cósmico ao domínio do homem; aumentar-lhe as possibilidades de conforto, para maior esforço de humanização da vida; esclarecer-lhe os mistérios da natureza; diminuir-lhe a confusão mental, quando inquire porque procedemos como seres humanos; reajustar-lhe os complexos de inferioridade e superioridade, que fazem germinar o ódio e a vingança, a injustiça e a covardia, o despotismo e a guerra.

Nesse trabalho da física, da biologia, da química, da morfologia do orbe e da ciência das riquezas ocultas em suas camadas milenárias, está um dos primeiros deveres desta Faculdade, infelizmente adiado pela ausência de candidatos, sintoma parcial de um diagnóstico a que não podemos fugir, no estudo das debilidades de nosso organismo industrial, para corresponder às mais urgentes imposições da guerra e da paz, quer encaremos o estacionamento ou decadência das fábricas, quer patenteemos a inferioridade numérica e qualitativa de nossa atividade agrícola.

Da importância da ciência experimental e do quanto nos cumpre empreender, para colocar a Bahia em plano de eficiência econômica, não podemos esquecer o que nos disse o eminente Prof. Dr. André Dreyfus, catedrático da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em memorável conferência e em seu apreciado curso de Genética.

Naquele plano de sadio pensamento, é nossa missão, no convívio dos alunos, nos agrupamentos sociais, nas colunas da imprensa,

nas alocações da cátedra, convocar a juventude para os estudos positivos, para o conhecimento das leis naturais, que a teoria fundamenta e esclarece, e que a técnica industrial aplica, no sentido de fortalecer o capital social, de que depende o equilíbrio diplomático e militar das nações.

Para cumprimento desse grave dever pedagógico e patriótico, muito exige de nós a existência nacional, a começar pelo ensino da matemática, para formação de uma mentalidade estatística, pela qual se possam compreender, com rigor, os problemas econômicos, e tentar soluções com menores probabilidades de erro, e garantia de mais seguros resultados, dentro do momento social de cada tentativa.

E' preponderantemente às seções de ciências, quer físicas, químicas e matemáticas, quer naturais e sociais que se destina a grande missão de despertar as inteligências jovens da Bahia, para ouvir a voz do sertão, onde dormem jazidas e florestas, rios piscosos e rebanhos malignados pelo berne, homens subalimentados e roídos de malária, riqueza potencial que nos cumpre socializar, que não perder, para o bem de nossa raça, para grandeza de nossa Pátria.

A clarividência dos governos, a generosidade dos nossos concidadãos, a compreensão da utilidade e razão de ser do dinheiro acumulado por nossos capitalistas, hão de proporcionar-nos recursos bastantes que nos aparelhem de laboratórios e instrumentos de pesquisa, onde se patenteiem, ao espírito aberto da juventude, os métodos e processos de consolidação do crédito nacional, pela exploração inteligente das nossas riquezas naturais e pela jugulação dos males que enfraquecem a resistência orgânica do nosso homem, que ainda não aprendeu a nutrir-se.

Havemos de conseguir os auxílios indispensáveis às viagens de exploração científica, nas zonas bravias ou cultivadas do interior da Bahia, por onde jornadearam caravanas de sábios europeus e ame-

ricanos, colecionando mostruários e acumulando dados, que vieram constituir a ciência do nosso solo, de nossas condições meteorológicas, de nossa riqueza inexplorada. Continuaremos o trabalho daqueles desbravadores e adquiriremos a atitude mental das elites intelectuais que, pela ciência, transformam o ambiente social e tornam benígna a condição do homem no seu meio.

Para levar a termo esse nobre programa, contaremos com o auxílio de cientistas do país e do Continente, tão bem representados, na conferência inaugural de nossas atividades culturais, pelo sábio antropologista Prof. Dr. Melville J. Herskovits, catedrático da Northwestern University, Evanstone, Illinois, U. S. of America.

O interesse por nossa faculdade, em cooperação com as mais antigas e consolidadas, começará a crescer, quando as investigações de seus laboratórios trouxerem consequências visíveis à defesa da vida e da economia individual e social. Será indispensável que os alunos sejam iniciados e a sociedade em geral seja cuidadosamente informada dos efeitos das conquistas da ciência sobre a vida humana, tão bem delineados por J. G. Crowther, em "The Social Relations of Science".

E não é necessário número avultado de trabalhadores de laboratório; é indispensável a severa formação de verdadeiros investigadores. Poucos ou muitos, sejam eles realmente capazes, o influxo da ciência começará a sentir-se no aumento da produção, no aperfeiçoamento da qualidade, na rapidez da distribuição, no barateamento do consumo, na elevação do padrão de vida, no florescimento das artes, no apuramento dos valores literários, na restrição da criminalidade, no fortalecimento da consciência nacional, enobrecida pela eficiente cooperação de outros povos do nosso e de outros continentes.

Seremos, assim, na Faculdade de Filosofia, os aliados naturais das Faculdades de Engenharia e de Agronomia, de Medicina e de

Direito, de Ciências Econômicas e de Belas Artes, porque colaboraremos no estudo das soluções que esperam os complexos problemas de nossa riqueza natural e da segurança moral e higiênica dos nossos irmãos da cidade ou do campo, e cooperaremos na obra de ampliação das relações comerciais, jurídicas e assistenciais, desenvolvidas, paraí passu, à multiplicação das atividades industriais e mercantis.

De uma retorta de humilde laboratório de química, tal como aqueles modestos aparelhos do imortal Pasteur, pode surgir inesperada riqueza que movimenté milhares de famílias e acumule recursos econômicos e financeiros capazes de fortalecer o poder civil e militar, indispensável à subsistência das nações, e melhorar as relações dos indivíduos e das classes, elevando o padrão de vida, possibilitando melhor distribuição dos bens terrenos, mais construtiva interpretação intelectual da existência, mais confortavel compreensão e interpenetração de sentimentos entre os homens.

O estudo das ciências é, desse ponto de vista, a maior tarefa e a mais eloquente e decisiva justificação da faculdade, no sentido altamente nacional e humano, de preencher lacuna que desmerecia o conceito cultural de nossa terra, enquanto outros irmãos do sistema federal possuem até quatro órgãos desta categoria de institutos superiores, mundialmente consagrados, como célula fundamental da Universidade.

CIÊNCIAS SOCIAIS E FORMAÇÃO DEMOCRÁTICA

Mas as atividades científicas da Faculdade de Filosofia não se limitam à pesquisa e divulgação dos conhecimentos das ciências matemáticas e físicas, químicas e naturais. Não é só o mundo bioló-

gico ou a natureza inorgânica, nem somente a interpretação matemática ou a fenomenologia terrestre e sideral que nos ocupa.

As ciências sociais, compreendido em seu âmbito o alto contingente da geografia e da história, crescem de valor, envolvendo o mundo agrícola e a movimentação dos rebanhos, as circunscrições fabris, as garantias de educação, de saúde e boa nutrição, de justiça e de religião, interpretando as múltiplas manifestações da vida coletiva, nas suas expressões normais e patológicas. Solucionando problemas que se amiam pelo adensamento das populações, em centros cosmopolitas de exuberante riqueza e consternador pauperismo, ocupam um dos mais importantes sectores da faculdade.

A elas dedicam inteligência e entusiasmo os jovens que se destinam à gestão dos públicos negócios, na vida política do país ou nas suas relações internacionais, em próximo futuro, pejado de acubrunhantes incógnitas, que aguardam subitâneas ou comedidas soluções.

Ainda maior é a responsabilidade desta instituição, quando ela nasce ao jogo, ou, melhor, aos solavancos da maré montante de idéias contraditórias, entre as quais a Faculdade deve manter atitude de análise imparcial, afim de que os jovens estudantes sigam o destino que lhes proponha o temperamento de cada um, sem restrição de liberdade de escolha, apenas esclarecidos pelo exemplo das experiências sociais, pelos êxitos dos leviatânicos processos de reconstrução, ou pelos desastres políticos e militares decorrentes de planos teóricos, desajudados do senso comum da vida normal da humanidade.

Se o curso de ciências sociais preencher, com dedicação e serenidade, seu alto dever educativo, nossa orientação política e econômica receberá novas bases, nossa construção jurídica compreenderá o sentido realista do governo das grandes nações anglo-saxônicas, onde o espírito de liberdade vai de mãos dadas com a profunda com-

penetração do dever, onde a concepção da igualdade tem consagrado limite na garantia de oportunidade, proporcionada à capacidade individual.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos, o estudo das ciências sociais, ao lado da análise teórica dos seus princípios e leis, vem de longe codificando as relações da vida civil, religiosa, desportiva, industrial, de sorte que a nação é capaz, a todo instante, de tomar conhecimento de si mesma, de reorganizar os quadros vitais da sociedade, de modificar seu ritmo de atividades, de coordenar os órgãos mais díspares, no aparelhamento da defesa e do ataque, na hora em que todas as energias de um povo devem responder ao chamamento supremo da guerra.

Tal é o segredo da admirável resistência britânica e do maravilhoso esforço americano, neste momento trágico da história. Todos os inquéritos que pareceram, aos zoilos, puramente fantasiosos e frívolos, milhões de fórmulas de testes e de questionários de toda espécie, — inteligência, temperamento, resistência física, pendor profissional, padrão de vida — demonstram, agora, o alto sentido de oportunidade do intensivo mas desinteressado trabalho da paz, no prognóstico e prevenção das angústias sociais, nascidas dos conflitos armados. Variadíssimos sectores de atividades de assistência, enquadrando organicamente toda a vida do país, em esforço disciplinado e esclarecido, dão-lhe a capacidade de neutralizar todas as tentativas de agentes exteriores e possibilitam ao governo o reajustamento pronto do organismo nacional às condições impostas pelas circunstâncias anormais que o mundo atravessa.

Para honra nossa, colhendo exemplos das mais elevadas fontes e realizando valioso trabalho original, centraliza e orienta empresa de semelhante valia, além de órgãos de menor amplitude, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em cujos métodos e resul-

tados devem esclarecer-se todos os espíritos patrióticos, lealmente desejosos de servir ao engrandecimento material, à homogeneização social, à disciplina moral e espiritual do nosso povo.

Aproximados desse grande centro de investigação e de elaboração de planos fundamentais ao soerguimento de nossa nacionalidade, deveremos constituir missão do curso de ciências sociais bem assim do de geografia, história e pedagogia, encarar os fenômenos econômicos, políticos, morais e espirituais, como eles se desenvolvem no ambiente de múltiplos panoramas de nosso Estado. Cooperaremos na solução dos nossos problemas, encaminhando os jovens a servir ao progresso do Brasil, pela formação de espíritos disciplinados pelo método experimental e esclarecidos por abundante e selecta organização de fatos de nossa realidade nacional.

Para tão fecundante labor, opulento e brilhante já é o contingente de dados e de hipóteses, desde Gabriel Soares até Saint Hilaire, de Alberto Torres, Oliveira Viana, Afonso Arinos e Graça Aranha a Gilberto Freire e Cassiano Ricardo.

Romance, ensaio sociológico, inquérito psicológico, perfil biográfico, tudo é estímulo para avivar a inteligência dos moços e gratificar a inquietação dos patriotas que desejam entender o passado e beneficiar o futuro.

Não é, por consequência, o curso de ciências sociais um campo de competições partidárias. A Economia Política e a História das Doutrinas Econômicas reproduzirão, de certo, um roteiro das tentativas de solução do milenário problema da felicidade terrena da espécie, de modo que se constitua uma consciência ativa de defesa dos interesses da humanidade, do indivíduo e dos agrupamentos sociais e nacionais.

O curso de ciências sociais deverá, todavia, estabelecer ambiente mental para o necessário equilíbrio da natureza do homem e do

meio com o excessivo desenvolvimento da técnica, muita vez perturbadora das condições de ajustamento intelectual e emocional dos indivíduos constitutivos dos grupos ou do seu governo.

O conhecimento de Psicologia Social, tão bem aplicado e atualizado, para interpretação das convulsões do presente, em "The Psychology of Social Movements", de Hadley Cantril, deve pôr-se em relação com os princípios da economia individual e coletiva, e justificar ou retificar os inconvenientes do progresso produzido pelas ciências e eliminar o atrito perturbador, que incita as resistências do meio e as oposições dos órgãos políticos, quasi sempre subordinados ao critério de conservação de hábitos de trabalho e modos de vida tradicionais, e de defesa dos interesses consolidados do capital empregado nas instalações industriais.

Desse modo concorrerá a ciência para evitar que perdem sem efeito e silenciosos nos arquivos das grandes companhias, como refere Crowther, revolucionárias patentes de invenção, que, inutilizando o avelhantado aparelhamento das fábricas, trariam ao bem comum, efetivas e justas modificações de atitude, pelo barateamento do custo, abundância da produção, rapidéz e comodidade da distribuição e segurança higiénica da aplicação.

Sucedeu assim com as invenções do século XIX e continua a acontecer, no presente século, enquanto a violência instintiva da defesa, na guerra, não compele os povos a seguirem os ditames da inteligência, no trato dos problemas da economia pública e privada.

No estudo de tão modernos quão relevantes conhecimentos dever-se-ão indicar atitudes e inquirir das necessidades, possibilidades e meios de servir ao bem comum, desenvolvendo no espirito dos jovens a capacidade de apreciar os fenómenos, de investigar as suas causas e de prever as consequências do abandono ou do zeloso tratamento das manifestações patológicas do organismo social.

Elas se subordinam a leis que se induzem de relações de causas e de consequências e jamais de princípios apriorísticos semelhantes ao da pseudo ciência social de alguns povos que, na justa observação de John Dewey, acusa a ciência de servir à burguesia e "decreta uma Antropologia consagrada da superioridade de uma raça ou declara cientificamente falso o Mendelismo."

Se a Faculdade transmitir aos alunos attitude suficientemente imparcial para estudar esses problemas, realizará um grande programa de preparo das novas gerações para compreender os rumos do mundo que nasce, entre as agonias deste momento cíclico da história.

CONSOLIDAÇÃO DA LIBERDADE

Dentro em tais normas, evidentemente necessárias ao estudo consciencioso das complexas questões de nosso tempo, desenvolveremos, entre alunos e mestres, elevada attitude de critica construtiva, indispensavel à manutenção da liberdade de pensamento, de investigação dos fatos, de expressão das idéias e de conclusões fundamentadas no lento e sinuoso progresso da humanidade.

Tal attitude deverá ser adquirida e cultivada em todos os cursos; ela, contudo, é mais imperiosamente necessária no trato dos problemas que se podem insensivelmente revestir de paixão partidária, incompatível com o exame objetivo, que é apanágio do trabalho da ciência.

Não seria prudente esquecer, neste aspecto da formação cívica e cultural dos nossos alunos, a lição do grande filósofo John Dewey, que ilumina os espiritos mais avançados do labor educacional americano deste século, ao falar-nos, em "Freedom and Culture", da função da ciência nas suas relações com a liberdade.

John Dewey, referindo-se aos efeitos da propaganda totalitária sobre as massas, que chegam às mesmas condições dos governos absolutos anteriores à revolução industrial, salienta o erro de se considerar a democracia apenas o governo de preponderância numérica dos votantes e passa a encarar as implicações sociais da ciência, quasi sempre submissa aos interesses individuais e grupais.

Em cada povo, a subordinação do conhecimento científico aos interesses do nacionalismo, quer nos períodos de guerra, quer nas épocas de paz nominal, continua o filósofo, transformam a ciência em órgão subordinado ao governo, desde a atitude de Bacon, dedicando seus conhecimentos ao interesse do fortalecimento militar do seu país.

Em outro passo, o glorioso educador, focalizando a mobilização da ciência para a destruição em grande escala, no trabalho ciclópico da guerra, que obedece à natureza primitiva do homem, salienta a segunda função do saber, no esforço do tratamento e cura dos feridos, atitude que lhe parece resultado de aquisição cultural.

Esse raciocínio tem consequência otimista, mas o mestre restringe a influência da cultura ao efeito da energia do conhecimento adquirido pelas massas, depois de constituir parte do folclore, de ter perdido a forma de ciência sistematizada.

Aquí nos achamos numa encruzilhada, onde os inquéritos das ciências sociais, as investigações da antropologia cultural, o exame da psicologia das massas e dos povos, encontram com os problemas e pesquisas da literatura e da filologia, índice do pensamento anônimo das raças, e que também constituem deveres de nossa faculdade.

Aí vemos relevantíssima função organizadora deste nascente instituto entregue, ante vós, à sabedoria dos mestres, à operosidade dos alunos, à benemerência das classes ricas, à simpatia dos homens pobres, e à munificência e prestígio dos governos. Cumprindo essa

complexa e grave missão cultural, ele servirá à Bahia, edificando a juventude e auxiliará o Brasil a completar a obra de constituição de um povo livre e opulento, organizado em bases de disciplina e de liberdade.

A ciência e a cultura só prosperam em clima de liberdade, sabem todos.

Eis que se nos oferece a mestres e alunos o absorvente problema da garantia da liberdade do pensamento, da palavra, da imprensa, na constituição de uma cultura que representa, por dizê-lo assim, fotografa os povos capazes de perdurar nos planos da história, depois de haverem exercido sua missão secular ou milenária na luta da civilização, crescendo, prosperando, envelhecendo e sossobrando no ocaso da vida internacional.

Ainda aquí é John Dewey quem nos guia, para deduzir a tímda conclusão, diante do panorama universal, sobretudo encarando a condição política e social de povos onde a difusão do ensino facilitou, por todos os meios, a expressão do pensamento falado ou escrito.

"Os mesmos agentes", diz o mestre americano, "que, há um século e meio passado, concorreram para o progresso da liberdade democrática, servem hoje para criar a pseudo opinião pública destruidora da liberdade pelas suas bases".

Depois de salientar que "o futuro da democracia está ligado ao desenvolvimento de uma atitude científica, que é a garantia única contra a desorientação universal pela propaganda" John Dewey afirma, textualmente: "A fé democrática na liberdade de palavra, de imprensa e de reunião é uma das cousas que expõem as instituições democráticas ao ataque. Porque os representantes dos estados totalitários que são os primeiros a negar tal liberdade quando estão no poder, usam-na astuciosamente, em um país democrático, para destruírem os fundamentos da democracia. Apoiados pelos necessá-

rios recursos financeiros, são capazes de realizar trabalho de contínuo solapamento e demolição".

Assim é que a liberdade de palavra, considerada a mais alta expressão das conquistas democráticas, reiterando à consciência universal dos tempos contemporâneos a lição do simbolismo de Esopo, ou transportando para o campo político o significado profundo do mito bíblico da árvore da ciência do bem e do mal, converte-se num instrumento de escravização dos povos e da sociedade, em veículo de agente de morte ou de debilitação da forma social e política dos Estados desprevenidos ou imprudentes.

Mais grave ainda é a consequência do uso e abuso do pensamento propagado às multidões que perderam a fé em princípios poderosos e dominadores, e que não adquiriram hábitos seguros de crítica e de análise exata dos fatos sociais, nem cultivaram a virtude cívica, que é fundamento da democracia.

E' ainda John Dewey que nos focaliza, em seu admirável capítulo "Science and Free Culture", os perigos da receptividade das massas ao efeito da propaganda sistematizada, no sentido da implantação de sistemas comerciais, sociais ou políticos, distribuídas as causas desse êxito entre econômicas, educacionais, artísticas, morais e religiosas.

O famoso mestre americano escreve, aos seus 79 anos de vida consagrada à filosofia da educação: "A influência das religiões fortaleceu sempre as doutrinas que se não submetem ao exame crítico. Seu efeito cumulativo em produzir hábitos de espírito em desacordo com atitudes exigidas para a manutenção da democracia é provavelmente maior do que se considera geralmente. Observadores inteligentes disseram que um fator da vitória relativamente fácil do totalitarismo na Alemanha foi o vazio deixado pelo depercimento das antigas crenças teológicas".

Perdida a fé religiosa e não tendo sido adquirida uma poderosa consciência científica, de que depende o equilíbrio das convicções morais e sociais dos indivíduos, como o entende o glorioso filósofo, todo o agrupamento social se deixa arrastar, mediante recursos psicotécnicos sistematizados, para a corrente do pensamento gregário, que constituiu em nossa era a forma política dos governos totalitários, em via de depercimento.

O raciocínio do grande mestre impõe-nos um instante de meditação. Apresentado o mal da debilidade social pela queda do sentimento religioso e lembrada que seja a limitação da influência do conhecimento científico, de lentíssima infusão na consciência coletiva, na direção das massas, outro parece que deve ser o fluxo do pensamento.

A conclusão natural deve levar à imperiosa necessidade de irar à democracia um clima de defesa e doutrinação democrática, em que o cristianismo sempre colaborou, como o tentaram muitos escritores do século XIX e do início deste: reiterar a campanha pela dignidade, não só do direito, mas do dever eleitoral, e das virtudes cívicas de que se esqueceram, sobretudo as nações latinas, e de que se não chegaram a aperceber os povos germânicos e slavos, transportados, quasi de chofre, da mentalidade jurídica medieval para as surpresas do romantismo político continental, a que se não puderam ajustar.

Neste caso, não foi a ausência do sentimento religioso que proporcionou a vitória do totalitarismo, mas a ausência da própria consciência democrática, profundamente cristã, que se não chegou a formar, no continente europeu, e que se desenvolvera lentamente, entre repetidas e sanguinolentas revoluções, no solo inglês, para transportar-se para as colônias que formaram os Estados Unidos da América do Norte, onde criaram a democracia de Jefferson e de Hamil-

ton, a pouco e pouco modificada, até alcançar a mentalidade do New Deal.

Em torno destas transformações, trazem-nos as recentes revistas educacionais americanas oportunos artigos de presidentes e professores de Universidades e Diretores de ensino.

Entre outros, revela-nos John Brubacher, em "Education for Death", a significação religiosa de escola do tempo da fundação da República, salientando a importância dos sacrifícios deste momento histórico, para que as democracias não souberam oportunamente preparar-se. Toda a atividade escolar girou por longos anos em torno, ou moveu-se no sentido do conforto da vida. Os contemporâneos, as gerações modernas, não sentiram a grandeza e a glória da morte. Os livros e os pensamentos da escola colonial e puritana, cheios de dignidade da morte, foram desalojados pela filosofia do êxito, nas alamedas floridas da vida, na conquista dos bens terrestres, cujo gózo, vieram perturbar as violências da guerra devastadora.

É esse o panorama social delineado pelo professor de história e filosofia da educação da Universidade de Yale, que sentencia com justiça: "Depois da severa lição desta guerra, seria preparar a desfortuna da democracia, voltarem as escolas à obsessão da paz e da vida a todo custo, sem a capacidade de sacrificá-las prontamente."

Aí se encerra uma indicação do valor das bases religiosas da democracia, que vive da vigilância perpétua do dever, do culto e devoção do altruísmo, da cooperação das almas na sustentação do clima espiritual, em que medram as qualidades superiores da personalidade humana.

O esclarecimento do enredado problema da liberdade será naturalmente função dos cursos de filosofia, de história, de ciências

sociais e de pedagogia, que o deverão examinar pelo aspecto individual, biológico ou espiritual, pelo evolutivo das transmutações ocorridas através do tempo, pelo analítico — quantitativo e qualitativo — das relações do indivíduo com o agrupamento, pelo artístico e construtivo das possibilidades de transformação dos grupos sociais, por insuflação ou desenvolvimento de aspirações e ideais, na alma do educando, seja criança, adolescente ou adulto.

Haverá, desse modo, um trabalho coerente, normativo e criador, como o realizam as centenas de universidades americanas e britânicas, todas orientadas pelo espírito construtivo do ajustamento do homem ao ambiente cósmico e social, que ele tem de servir, com a inteligência, com o sentimento, com a força dos músculos e a firmeza da alma.

A defesa das liberdades democráticas, conjunto, das regalias da pessoa humana em ação na sociedade, encontrará, assim, nesta instituição de cultura superior, mais um centro de definição e resistência.

Não quer isso dizer que a ciência, por seus princípios ou suas conclusões experimentais, transmita aos homens a energia moral necessária à rigorosa análise dos fatos que concorrem para a manutenção ou deprecimento das regalias jurídicas, ou das garantias morais que constituem o fulcro da vida democrática.

A função educativa da ciência, neste particular, é realizada indiretamente. Não são as leis matemáticas ou físicas, nem as consecutivas hipóteses da biologia ou da química, nem os próprios resultados das investigações psicológicas, mas o método, a atitude, a paciência da análise, a prudência da síntese, todo esse lento consolar de hábitos de pensamento refletido e verificado, que concorre para preparar os líderes sociais, capazes de esclarecer as multidões, no trabalho do bem comum, cujo conceito a própria ciência não sabe ainda definir com exatidão.

Diante dessa atitude seletiva, não poderemos fugir à conclusão de que a ciência é indispensável ao auxílio do critério moral, sem dúvida ligado, à luz do próprio positivismo, à atitude religiosa, que lança as bases do ideal creador, além do horizonte em que despontam ou têm ocaso nossos instintos ou tendências, desejos ou impulsos, que nos escravizam ao individualismo orgulhoso e egoístico, absorvente e conquistador, em vez de nos libertarem, pela edificação da personalidade generosa e humilde, empreendedora e cooperativa, complacente e humana.

Se as faculdades de filosofia transmitirem a seus alunos essa disposição superior, realizarão a mais elevada obra de cultura democrática.

Assim e só assim, justificaremos nossa missão e conquistaremos o respeito e a gratidão dos porvindouros.

NOSSA MISSÃO PERANTE O BRASIL

Incompleto e perfunctório que seja o ról de nossos deveres apresentados para com a Bahia, na organização mental de sua juventude, urge planejar o quadro da função nacional que nos compete no seio da federação brasileira.

Honrámo-nos de ser, do ponto de vista histórico, a célula mater de nossa cultura. Aquí reunimos os vestígios da antiga opulência. Aquí vivemos entre monumentos do caminho percorrido pelo progresso econômico e social do país, entre ostentações e sacrifícios da aristocracia latifundiária dos canaviais. Aquí se acham os sítios de grande número de lances heróicos, cenário do lento drama de quatro séculos de crescimento. Conservamos ainda o melhor de documentação do caldeamento da raça, da organização dos costumes, do entrelaçamento dos componentes do folclore, da poesia simples

e primitiva nascida das três origens de almas crentes, que encontraremos no fiel, tenaz e sentimental português, no idólatra e laborioso africano, no destemido e imaginoso filho da floresta americana.

Daquí partiram, para brilhar nas côrtes do Império ou no parlamento da República, espíritos de alto quilate e vontades de gloriosa eficiência, na condução do Brasil pelos caminhos da diplomacia e da política, da ciência, da arte ou das finanças nacionais.

Lentamente, porém, decresceu o prestígio dos nossos escritores, perdeu sentido a eloquência de nossos tribunos, reduziu-se o volume de obras literárias e científicas, outrora publicadas, até de autores de outros Estados, como aconteceu com as primeiras de Clovis Bevilacqua.

Os últimos cinquenta anos da história brasileira descreverão o surgimento de centros culturais no sul e no norte, ao passo que a Bahia, acastelada em sua tradição, um tanto extática, um tanto desconsolada, perdeu os seus poucos filósofos, expatriou seus historiadores e romancistas, viu silenciarem-se seus poetas, seus oradores, contemplou o desaparecimento de seus teatros, que no passado, foram modelos de arquitetura cênica do tempo.

À música bravia dos escravos, de lusos e mamelucos, havia-se eriado a arte, o brilho, o conforto das cidades; o braço rijo do africano cativo havia instalado, na velha capital, a família patriarcal, para empobrecê-la no luxo ocioso e destruí-la lentamente, ao compasso do crescimento da burguesia mercantil que se formava.

Os netos dos portugueses esqueceram o pensamento de Coimbra, a sagacidade dos primeiros mestres jesuítas, formadores da cultura e organizadores da indústria dos primeiros tempos, e, submissos à influência francesa, preferiram existência sedentária e atividade mental introvertida, aos movimentos heroicos dos netos dos bandel-

rantes, que varrendo o Sertão, dos altos de Piratininga, levaram aos extremos da Pátria o impulso aventureiro da alma hespanhola, tão bem focalizado por Cassiano Ricardo.

Insulados desde então, recolhendo, satisfeitos, as vantagens do trabalho escravo do negro ou do índio descido para as plantações, viveram, no Recôncavo, existência municipal de infundáveis contendas partidárias, a que fugiam os ânimos mais fortes, para criar, em torno das fazendas ou das capelas, os vilarejos da mata ou do sertão.

Correlata com esse humor satisfeito, cresceu lentamente nossa cultura cheia de misticismo, de que desertaram, por seu turno, as almas mais ambiciosas, exiladas, desde cedo, para o norte e sul do Império, em corrente migratória que se fortaleceu na República.

Nossa atividade mental ficou reduzida ao plano descritivo e narrativo, senão por vezes enumerativo, e todo nosso orgulho de inteligência não chegou a passar do romance histórico, raramente elevado a tímidas análises sociológicas ou a esmaecido painel de furtiva expressão psicológica.

O poder económico acompanha o descenso da energia espiritual em ação, se compararmos São Paulo, Pernambuco, Rio Grande, Sergipe, Espírito Santo e Bahia de 1880 e de hoje, para não falarmos do Paraná, que era então quasi a comarca da Província de S. Paulo.

Não é que estejamos paralizados. Temos crescido, temos elevado nossa riqueza. A relativa expressão é que aqui e nos Estados irmãos daria que pensar, convidando-nos à investigação das causas psicológicas ou económicas produtoras do desequilíbrio.

Tal a condição que focalizam quasi todos os nossos que vivem no sul da República, olhando de longe a Bahia, como relicário da tradição e temendo sempre que redunde aqui em desastre toda empresa de maior relevância.

Neste interim, São Paulo alcança francamente o plano psicológico da cultura, integrando, aqui e ali, pensamentos filosóficos esclarecidos que podem orientar os rumos da nacionalidade.

A sistematização dos serviços, a racionalização das funções públicas e particulares, a crescente influência da psicotécnica nas estradas de ferro, nas fábricas, no trabalho oficial, dão ao Estado de São Paulo um sentido de vida superior ao empirismo tateante, incompatível com a velocidade do movimento atual da sociedade e com o rigor dos métodos de labor material ou intelectual, ambos dependentes da receptividade e colaboração do ambiente.

Consequência desse dinamismo da vida paulista, apresentam-se, ao lado da veneranda Faculdade de Direito, suas duas faculdades de medicina, duas faculdades de engenharia, quatro faculdades de filosofia, além de opulentos institutos profissionais e colégios públicos e particulares. Tal vibração dá oportunidade a despertarem inteligências ativas, a concertarem-se simpatias, que vão servir ao bem comum, engrandecer a economia popular, dar endereço ao esforço individual e coletivo, integrar e reajustar a personalidade humana, dentro do objetivo da harmonia social.

Isso quer dizer que São Paulo já aprendeu a formular princípios que levam as elites e as massas ao plano filosófico, em que se encontra o sentido da vida, a finalidade do trabalho, a justificação da fortuna, a dulcificação das dores, o orgulho da Pátria, o amor da humanidade.

Mui diversa é, por desventura, a nossa situação.

Nossas atividades, neste particular, muito precisam de fé, muito requerem de sacrifício, muito esperam de perseverança, para chegarem ao ponto da curva ascensional do progresso, de que o Brasil se não póde afastar.

Tecnicamente, já não estamos mais balbuciando, mas ainda não

exprimimos, clara e utilmente, o pensamento da ciência especulativa ou aplicada. Nossa organização industrial embrionária, estacionária ou decadente, conforme o sector que escolhermos para investigação estatística ou sociológica, deixa-nos indecisos quanto ao valor político e quanto à influência histórica de nosso Estado no governo dos destinos nacionais.

Entretanto, nenhuma das divisões do país tem maiores deveres para com a Pátria comum, num momento decisivo em que a conservação das nossas tradições é fundamental à existência do Brasil.

E' indispensavel esclarecer que a tradição, por si só, é incapaz de influir na orientação do espirito nacional. A tradição extática e estática, adoração do passado, à sombra das velhas árvores seculares, sob o zimbório ou entre as colunas das naves sagradas, ou ao lado das ruínas das fortalezas antigas, não basta para as empresas agigantadas do país, neste século da velocidade, da mecanização, da eficiência.

A tradição terá de ser dinâmica e reflexiva, agitando os homens para criação de outros monumentos, outros e mais grandiosos templos, novas e mais poderosas fortalezas, outros campos de criação, mais fortes impulsos de cultura da gleba, de agitação de fábricas, tudo isso consequência da coragem e audácia dos moços, da firmeza e esclarecimento da idade viril, da sabedoria e consciência do dever cumprido das gerações que se aproximam do fim do seu labor, na comunhão de esforços pela construção do país.

A tradição ativa e dinâmica é o crescimento de valor social, econômico e cultural, sem perda do contingente moral e patriótico que nos deixaram os antepassados; a tradição estática e extática é um peso morto na alma das multidões, fonte de pessimismo no espirito dos cidadãos uteis, ambiciosos de vistas largas e amplo horizonte, ou incentivo de pensamentos indolentes e de fatigado roman-

tismo aos que, fugindo à ação construtiva, caricaturam a sociedade, ora endeusando, ora ludibriando o passado.

A situação estratégica da Bahia é a mais vantajosa para um despertar de consciências, nessa tradição dinâmica e renovadora, quando sentimos todos que a ameaça à cultura brasileira é uma consequência natural da mudança de rumos da humanidade.

A Bahia pôde constituir-se o centro de resistência à invasão imoderada de novos padrões de vida a serem impostos à nacionalidade.

Quem acompanhar o desenvolvimento da ação envolvente ou solapadora de culturas alienígenas, orgulhosamente consideradas superiores e que não realizaram sequer uma parte da obra multi-secular dos portugueses, sentirá a gravidade do mal a que se acha exposto nosso país, a braços com a desnacionalização dos costumes, em vários pontos do território nacional.

Criou a imigração alemã, nas regiões meridionais e no Espírito Santo, problemas a cuja transcendência ficamos quasi um século indiferentes, até que as urgências da guerra de 1914-1918 abalaram a consciência nacional, tão imperfeitamente despertada, que não alcançou as consequências da infiltração japonesa, que prontamente careou a simpatia de bom número de brasileiros considerados progressistas e patriotas.

E' nesse terreno que temos grandes deveres para com o Brasil. Realizada nossa função de provocadora dos estudos positivos, das investigações científicas, de alerta dos jovens para o trabalho produtivo, controlado pela ciência, cumpre à Faculdade de Filosofia focalizar e defender, como força criadora, a profunda cultura indio-íbero-africana, construtora do mais vasto império em que se fale um só idioma, viva-se um só idealismo cristão, agite-se e trabalhe um preponderante caldeamento de sangue.

Quem se lembrar de "Uma Cultura Ameaçada — a luso-brasileira", de Gilberto Freyre, terá a idéia clara do que compete aos bahianos, no culto e cultivo de nosso idioma, no estudo de nossas tradições, no inquérito das fontes psicológicas, antropológicas, mitológicas de nosso folclore.

Não bastará, todavia, o estudo contemplativo. Não cumpriremos nosso dever, permanecendo na atitude puramente descritiva ou enumerativa e narrativa de anedotas ou de incidentes políticos e militares.

Deveremos produzir obra de fôlego, e patentear a superioridade dos processos políticos e económicos inspirados pelos jesuitas à colonização portuguesa, bem cedo abandonados pela política imperial, que a República de 1889 imitou.

Evidenciaremos que nosso mal foi esquecermos, sob a influência do romantismo francês, a energia que instalou os primeiros engenhos, transplantou e aclimou os primeiros rebanhos, semeou leguas e leguas de mandiocais, de trigais, ao lado dos engenhos de açúcar, e abriu o ventre da terra, cunhou moedas, elevou a ourivesaria, construiu estaleiros, cercou de fortalezas o vasto país e entregou-nos, para vivermos em liberdade e disciplina, a mais extensa, a mais homogênea organização territorial de todos os tempos.

Isso dirá muito à alma da juventude, ao lado das lições da ciência experimental e matemática da nossa idade, armada da técnica em que é condenada a desaparecer toda a sociedade que não acompanhar o ritmo da concorrência dos povos.

Cumpra-nos, para tanto, acendrar a alma da juventude no amor à língua portuguesa, aplicada à comunicação da ciência relativa ao nosso ambiente cósmico e social, aos demais sectores da vida brasileira.

As línguas clássicas e as modernas são inesgotáveis fontes de

soberana beleza, donde flúe a sabedoria antiga e a experiência dos povos contemporâneos de mais próximo parentesco intelectual.

Em seu trato, a missão dos mestres não é méro esforço mnemotécnico da superposição de formas verbais a padrões já conhecidos da inteligência dos jovens. E', maiormente, a comparação dos semelhantes e o contraste dos diferenciados; é a interpretação das dúvidas do nosso meio pelas divergências de criação dos outros ambientes. Daí nascerá a simpatia para outros povos, outras raças, outros sistemas religiosos, outras fórmulas institucionais.

Em cada idioma novo que se versa, ausculta-se o desdobraimento da alma eterna de Platéa ou de Maratona, das caminhadas dos Alpes, dos feitos dos Cipióes, repetindo-se no mundo europeu e americano de hoje, no tumulto das inquietações, sofrimentos, torturas de mil fórmulas.

Toda literatura que se perlusta constitue-se em revisão da filosofia de um povo, espelho da mentalidade de uma raça, padrão de vida de uma nação, força modeladora de personalidades, cristalizadora de caracteres, na expressão verbal, na interpretação dos seus segredos e modismos, ou na própria representação caligráfica, bem diferenciada e disciplinadora, quando se estuda, a fundo e com todas as véras, a fórmula com suas belezas e o sentido com as implicações cósmicas e temperamentais de um idioma estrangeiro.

Ao talento e à cultura geral dos mestres caberá aproveitar toda oportunidade para o consórcio das vantagens da aquisição de um instrumento verbal, de um critério de apreciação e julgamento da beleza, e de uma atitude moral fortalecedora do sentimento de humanidade.

Mas a missão da língua portuguesa, de cujo conhecimento entre alunos dos diferentes cursos, recolhem os examinadores penosa impressão, ao julgarem provas de exames, em todo o país, tem, além disso, a maior relevância nacional.

O idioma é a base da liga espiritual de uma nação; seus monumentos fortalecem o orgulho nacional, concertam e disciplinam as classes sociais, homogeneizam a massa, cuja energia transpõe, no tempo e no espaço, o limite da terra que habita e a época em que se movimenta, na contínua precisão dos povos.

Mas a língua de um povo, para enriquecer-se e eternizar-se, precisa herdar lições aos porvindoiros. E não é somente a palavra, é a idéia que enche os séculos e pereniza os povos. Os Lusíadas não são milhares de versos de beleza soberana. É toda a ciência do tempo que eles guardam, vingando o crepúsculo político da Pátria.

Para servirmos ao Brasil, reerguendo-nos no conceito nacional, teremos que apresentar, ao lado das emprézas que a ciência e a arte nos ajudarão a levar a cabo, documentos de nossa época mercedores do apreço das gerações futuras.

Já não é mais era do tropo, da oratória flamejante, das explosões tribunícias. O culto da língua portuguesa deverá levar-nos à segura e perfeita expressão do pensamento enriquecido pela diferenciação ininterrupta da linguagem técnica, nas múltiplas apresentações da idéia prática, das induções experimentais, das deduções lógicas.

No plano natural e nas atitudes sociais do meio, aguardam seus intérpretes muitos mistérios da ciência.

A Faculdade de Filosofia poderá e deverá descobrir os talentos capazes de penetrar, de ânimo forte e mente esclarecida, os áditos que levam ao âmbito tranquilo onde dormem essas riquezas.

Prêmios, concursos de obras e monografias, rigorosa seleção de valores, impiedoso silêncio ante o verbalismo, apelo aos ricos de inteligência e de coração para que trabalhem, aos opulentos de dinheiro para que nos mandem o contingente material indispensável

so engrandecimento da cultura, eis a função prática e construtiva de nossa missão para com o Brasil.

Se o alcançarmos, realizaremos a aventurosa promessa do nosso lema, em que se sintetiza a ambição de servir à Pátria, em meio das inquietações de nosso tempo: "Brasilidum Sobolem Traditione Paro".

DEVERES PARA COM A AMÉRICA

Soberana é a condição do homem que não alega meramente direitos, mas proclama correlatos deveres e exalta sacrifícios. Glorioso é o destino das nações que não precisam cubiçar territórios, injejar riquezas, arquetetar teorias do direito da força, mas encontram, em terra larga e céu benigno, abrigo para milhões de filhos, solo para séculos de produção, entre gerações que se sucedam e se apurem, de raças boas, tenazes, inteligentes e felizes.

Nossa missão na América está inscrita entre essas coordenadas do caráter nacional, que nos legou a plenitude do êxito da fase histórica da colonização.

Da Europa, semeada de fogueiras, nada podemos saber, menos ainda afirmar. Seu passado de construção e monumentos está entre os nevoeiros de pó e cinza dos escombros do presente. Seu futuro é imprevisível. Da ruína da França martirizada, depois do pecaminoso romantismo da liberdade sem disciplina, da quasi total escravidão do continente às forças desencadeadas da ciência sem humanidade, tudo poderá vir de atordoantes surpresas e decepções desconcertantes.

O milagre de resistência e de ordem da democracia inglesa, prova do que valem os povos habituados ao sistema, ao regimen do respeito à autoridade, que não é incompatível com os direitos

fundamentais da liberdade, dá-nos um madrugara de consoladora esperança de que o velho corpo da Europa ensanguentada ainda resistirá aos golpes e lacerações de seu destino cruel.

Essa Europa de cataclismos periódicos, virá muito mais tarde, pensadas as chagas, trazer-nos, no amargo fruto de suas provações, a lição dos desvarios semi-filosóficos em que se enovelou, desde que o bom senso fugiu do continente, com as tentativas de imitações políticas, que jamais ilaquearam aos anglo-saxônios, educados no equilíbrio multiseccular da monarquia, da aristocracia e da democracia.

Essa triste Europa barbarizada causa-nos lástima, desperta-nos horror, na rudeza de seus golpes fratricidas, na crueza de seus sentimentos anticristãos, na fragilidade dos seus recursos para defender as conquistas democráticas, por cuja garantia a vida deve ser incessante vigiar e prevenir a displicência, o amor ao conforto, o horror à responsabilidade.

A América, porém, nós a sentimos, nós a vivemos no calor do seu idealismo, na sua nobreza juvenil. Do Norte ao Sul do Continente podemos ver a riqueza que se ergue do solo, a arte que nasce das almas, o poder que se desenvolve das inteligências.

À América, ao Continente esperança da civilização ocidental, está o Brasil ligado por deveres de humanidade, de sentimentos e de interesses, de cooperação na defesa e construção econômica, de amalgamento da cultura cristã.

Do Canadá ao Chile, outra é a idéia dos povos, que não a do triunfo e glória do ódio entre raças e nações, secularmente escravizadas e escravizadoras. Povos novos e laboriosos, constroem pátrias generosamente pacíficas e, de pronto, heroicamente sobranceiras, nas conjunturas tristes e inevitáveis da guerra.

A formação humanística e as investigações científicas não po-

derão ser corrompidas pelo interesse de criação de clima propício à organização da conquista, ao aviltamento de raças, à exclusão de minorias étnicas do exercício e gozo dos direitos inerentes à personalidade humana. A América nos dá ambiente para enriquecer a juventude com os nobres destinos do cristianismo redivivo.

Para isso, buscaremos nas fontes greco-latinas, no grande esforço de estruturação da média-idade, nas páginas de Dante "herético, revolucionário e socialista", na bela floração quinhentista e seiscentista, nas origens jesuíticas da formação democrática, nas nascentes da filosofia moderna, o sentido humano de uma cultura que aspira à beleza, à justiça e à paz, sem esquecer a lição de heroísmo e de glória dos que tomaram nos campos de batalha, arderam nas fogueiras da inquisição ou sorveram, no cálice de cicuta, a essência da imortalidade.

Nossa obra, no labor científico e sobretudo nas ciências sociais, será também de mentalidade americana. Não cabem nas cogitações de um povo de vasto território, de infindas florestas e sorridentes campinas, onde a riqueza felicitará toda inteligência penetrante e todo caráter empreendedor que se saiba provocar, a análise e assimilação dos rancores multisecculares de povos adensados e esmagados de dívidas e tributos, desejos de vingança, ressentimento de derrotas, revoltas de humilhações.

Infundir na inteligência das novas gerações hábitos e métodos de investigação das possibilidades da América, cuja população representa um décimo dos milhões que ela poderia abrigar folgadoamente, é excluir do campo das ciências sociais a atitude dialética e combativa que forma partidos, constitue seitas, fermenta revoluções, deflagra e alimenta guerras e usurpações.

Nosso dever ante os destinos da América, dissocia-nos da Europa do romântico século XIX e deste, sanguinário e bárbaro. Nossa

vida cultural mergulha raízes em solo tranqüilo de idade anterior, na plenitude do humanismo que dignificava o homem e sua vida moral, no plano da cota mais alta a que não atingiram a famosa Aufklärung e a absorvente Kultur.

Ainda vivemos, de norte a sul do Continente, a alma religiosa, embora o seja na concepção de Einstein, que faz da existência humana uma luta pelo aperfeiçoamento, esperança do domínio da ética sobre as imposições absorventes da técnica científica ou para-científica. Ainda sentimos, na liberdade dos ares de terra larga e aberta ao labor cotidiano, o sentido moral de seres que desejam ser alguma cousa além do nível animal e do simplesmente social.

Acreditamos que, por longos decênios e talvez séculos, não nos escravizemos à soberania dos instintos, não nos acorrentemos à condição de feras humanas armadas para o ataque, para conquista do pão, para domínio dos vinhedos, dos campos de linho, dos nascedouros de petróleo.

Cremos que os povos podem abrigar a Deus bem dentro na alma e conviver no seio divino, ao construir uma civilização, em que o trabalho honesto de todos os níveis, das mãos e da inteligência, para conforto material, será apenas o meio de garantir outro nobilíssimo trabalho de edificação do homem ideal, que desejamos ser e que poderemos ser, no continuar da vida, ainda que as imperfeições perdurem, como sombra do quadro espiritual que debuxamos.

Esse é o rumo natural da América, hoje dominante nas Universidades dos Estados Unidos, do Canadá e do México, na mentalidade dos mestres argentinos ou chilenos, dentro dos velhos muros de S. Marcos quadrisecular, no mais moderno pensamento do renascente humanismo brasileiro, conseqüente da revolução literária do terceiro decênio do século em marcha, em que se consolidará nossa estrutura de povo.

Em meio às cogitações absorventes da guerra, na mais gigantesca movimentação de massas humanas, entre as cifras astronômicas do jogo de forças econômicas, o sentimento propulsor da ação não é o ódio ou a conquista, mas o amor à humanidade e a defesa dos direitos fundamentais da vida dos indivíduos e das nações.

Foi o que nos disse, em memorável conferência sobre o renascer do humanismo nos Estados Unidos, o Professor Dr. William Berrien, Diretor de Linguas Românicas da Rockefeller Foundation, ao salientar a coincidência do nosso surgimento com o de vitoriosa organização cultural de sua orientação, com o fim de preparar a sociedade para o advento do após guerra, pleno de confiança na subordinação da violência ao império da justiça, da beleza e da humanidade. Iguais afirmativas teve o Dr. Carleton Washburne, de Winnetka, Illinois.

O continente novo despreza, pelo visto, o sentido da força mecanizada para o esmagamento das nações, em proveito de uma supostamente eleita, e volta-se para a comunhão dos povos e das raças que não têm gradação de valor, sinão a que provem do esforço em busca do conforto e da beleza, da justiça e da liberdade, da caridade e do dever, da humildade e do sacrifício.

Esse despertar da América é a garantia da continuidade da obra libertadora do cristianismo, começada na pregação de jesuitas e beneditinos, carmelitas e franciscanos, dominicanos, salesianos e redentoristas, evangélicos e anglicanos, metodistas e luteranos, presbiterianos e batistas percorrendo impérvias florestas, palmilhando estradas semeadas de cardos, para erguerem, no amplo e límpido céu do Continente, a voz da piedade, que não podiam ouvir os corações cheios de ódio da fatigada Europa milenária.

Em cada país, a força integradora da nacionalidade defenderá, é certo, as características peculiares e fortalecerá as tendências dis-

cipladoras do povo ao seu ambiente, mas o sentido humano de solidariedade, entre nações que se ajudam no domínio da natureza selvática, permitirá desenvolver, acima do império escravizador da técnica materialista, uma atitude ética do fortalecimento da vida espiritual.

Se acompanharmos os rumos dessa linha ascendente de humanização de nossa cultura, enriquecendo e alargando o pensamento da juventude nos métodos da ciência basilar da técnica, e subordinando as conclusões da técnica e da ciência à soberania ética da finalidade construtiva da moral, teremos feito nosso dever para com a América.

Mas esse dever se amplia no campo dos novos cursos pedagógicos. Não basta preparar a alma, os corações, a disciplina emocional, o gosto estético dos jovens. Faz-se mister criar-lhes, na vontade, na atividade, os mais vivos hábitos de iniciativa e colaboração, no serviço da sociedade e da pátria.

Aos educadores compete prever os rumos da nacionalidade, transmitir às gerações qualidades proporcionadas às necessidades de ação imediata ou remota, no encontro do homem com a natureza, instante misterioso em que se construe ou destrue a personalidade.

Além de cultos e humanos, precisamos ser fortes e ricos. De nada valerá nossa cooperação na obra de construção da América, se não passarmos de peso morto no jogo das forças econômicas e militares.

Expostos ao avanço do mar, do lado do levante e das bandas do ocidente, os povos da América não podem continuar em simples idílio com a civilização. Urge organizar o poder econômico e seguir os passos dos dois grandes povos do norte, Estados Unidos e Canadá, onde a civilização industrial desdobra os mais largos campos de elaboração da riqueza, com orientação psicológica dos indivíduos e das

massas, ao lado das mais harmoniosas manifestações da arte renascente e do proselitismo religioso mais esclarecido.

De lá é que nos vem o exemplo, nesta hora amarga e heróica, enevoada de fumo e de dúvidas, iluminadas ao ritmo dos raios, pelas explosões do horror, acicatados os governos pelos imperativos da vitória contra a emasculação dos povos e a ruína das nações independentes.

Toda a literatura escolar dos Estados Unidos é, nesta hora, um manifesto da cultura pela defesa da nação.

Nos livros e nas revistas pedagógicas de 1942, sucedem-se os planos, os conselhos, as apreciações, os registros de atividades escolares ligadas ao fortalecimento do país, nos tranzes da guerra, e à preparação da juventude para os problemas graves de após guerra.

Bastará indicar, para exemplo, o "Teachers College Record", de outubro e de dezembro, e "School and Society", de vários meses de 1942.

São artigos documentados dos mais eminentes educadores sobre a importância e gravidade do dever da escola nesta conjuntura: 1.º os mestres olham para o futuro; 2.º as crianças e a guerra; 3.º esclarecimento das causas do nervosismo da criança, sob efeito dos bombardeios aéreos; 4.º desenvolvimento do estudo das nações amigas e inimigas; 5.º aperfeiçoamento dos métodos da economia doméstica, em proveito da guerra e no sentido da situação posterior da organização democrática; 6.º aperfeiçoamento da economia doméstica entre os negros americanos; 7.º educação de professores em uma democracia em guerra; 8.º reações de crianças a uma situação de tempo de guerra; 9.º o mundo que fala inglês, na guerra e na paz; 10.º religião e educação no após guerra; 11.º adaptação de nossas escolas ao amanhã; 12.º escolas de comunidade para a democracia; 13.º prioridade à educação para aptidão física; 14.º papel da educação

nos negócios inter-americanos; 15.º ensino do patriotismo; 16.º guerra global; 17.º idéias concretas para um curso de guerra em colégio.

São artigos de sumidades escolares, em duas seletas revistas pedagógicas dos Estados Unidos.

Isso define claramente a preocupação dominante no grande instituto de educação de professores da Columbia University e traduz o pensamento geral do milhão de professores americanos.

A reação doutrinária dos periódicos, molda-se ademais, a ação prática dos estabelecimentos, que nos convida a pensar e agir em proveito do presente e do futuro do Brasil.

As escolas secundárias, na sua organização tão desprezada por muitos dos nossos educadores, respondem galhardamente aos apêlos da guerra, com eficiência e alegria. A muitas vezes alegada deficiência do sistema, eletividade das matérias, variedade de cursos, espontaneidade dos alunos na formação de seu currículo, mostrou, nesta hora trágica da guerra, a flexibilidade necessária para transformar o aluno em cooperador eficaz na obra do reforçamento da economia. O treino manual e os cursos industriais, que proporciona o sistema americano de educação de adolescentes e de jovens, estão neutralizando os perigos do individualismo, e conjugando o idealismo peculiar dessa idade com a energia disciplinadora, que nasce do trabalho material orientado pelo propósito de servir à Pátria.

Nesta situação moral e pedagógica está um dos aspectos mais interessantes da mobilização espiritual do grande povo. Um de seus educadores acaba de dizer, com razão, que o maior engano das potências do Eixo foi suporem que os americanos se haviam tornado tão afeitos ao luxo e ao conforto, que seriam fracos demais para os tenazes esforços do sacrifício, da integração dos exércitos e desdobramento das batalhas.

Ao contrário, a energia dos jovens e dos mestres vai respondendo aos apêlos da pátria agredida e ameaçada e o sistema educacional mostra-se proporcionado aos deveres do destino de sangue a que se reservou a geração presente.

Nosso dever é também erigir, em cada escola, uma consciência ativa proporcionada ao construtivo esforço dos alunos, com o que se imprima decisivo impulso à formação dos homens do futuro, enrijados no sacrifício voluntário e apaixonados pela vitória do espírito democrático, baseado na firme compenetração do dever para com o porvir, que germina nas almas generosas do presente.

Ao conjunto escolar e à alma mater de nossa Faculdade, coordenadora de letras e ciências, incentivadora da cultura clássica e consolidadora do conhecimento experimental, coroado pela filosofia, impõe-se a tarefa de desenvolver o espírito bandeirante, em mestres e alunos, afim de podermos cooperar realmente na obra de defesa, civilização e humanização do continente.

Daqui havemos de enviar esclarecidos mestres que alcancem os objetivos das divisões formais do conhecimento e compreendam o sentido global da síntese filosófica. Daqui não sairão os que desvalorizam a ciência, desdenham as letras ou diminuem o valor cultural e normativo da lógica e da moral.

Para isso, eles levarão da Faculdade, como guia na hora difícil, em que se aprecia a rapidez ou lentidão do progresso dos alunos, a noção clara das diferenças individuais, que é indispensável a todo professor da infância ou da juventude: diferenças no valor quantitativo e qualitativo da inteligência, diferenças no temperamento, na energia da vontade, no biotipo e suas relações com o trabalho, com a alimentação, com o destino de chefes e condutores ou colaboradores e seguidores, na obra coletiva da construção material e do aperfeiçoamento moral.

Esse mapa psicológico os gulará entre ciências e letras, na filosofia antiga e na moderna, na marcha ascensional da cultura que abre aos homens igualdade de oportunidade subordinada à capacidade, e permite a integração da personalidade humana, no serviço conciente e esclarecido à obra do bem comum, em que se alcançam os sadios prazeres espirituais, que constituem a felicidade do homem sobre a terra.

Essa felicidade desejada te-la-emos, se nos compenetrarmos, todos nós, do mais puro idealismo e aplicarmos na vitória do ideal, toda a prudência de nosso espírito, toda sabedoria de nossa cultura, toda experiência dos povos que venceram parcialmente a natureza, na formação da riqueza social, com a qual o Brasil surgirá, ao lado das nações irmãos do Continente, como operário e defensor dos direitos humanos consagrados pela civilização.

A Faculdade de Filosofia da Bahia poderá ser o campo em que buscaremos a felicidade, na luz do espírito, supremo apanágio do homem, como é a luz dos espaços infinitos a soberana constante entre todas as grandezas relativas do cosmo, luz que viaja em tropol de vertigem, para alimentar, no sólo coberto de relva, a violeta esquiua, e aclarar, nas galáxias de mundos, a obra insondável da Criação.

| Página | linha | onde se lê | leia-se: |
|--------|-------|--------------------------------|------------------------------|
| 7 | 12— | é nossa missão: e reeducar-nos | é nossa missão: reeducar-nos |
| 9 | 16— | ...esta um dos primeiros | está um dos primeiros |
| 15 | 21— | e beneficiar o futuro | e beneficiar o futuro |
| 18 | 18— | otimista | optimista |
| 33 | 19— | os noveiros | os nevoeiros |
| 37 | 30— | as tendências | as tendências |